



**NOVAS COMPETÊNCIAS NECESSÁRIAS PARA O EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA:  
 O que muda no ensino e aprendizagem com a pandemia? Muda?**

**NEW SKILLS NEEDED FOR TEACHING EXERCISE: What changes in teaching and  
 learning with the pandemic? Does it change?**

Raquel Dilly Konrath<sup>1</sup>

**Resumo:** O contexto atual nos impôs novas demandas e novos desafios; e que também nos exigiram novas formas de exercer a docência e repensar estratégias de ensino e aprendizagem em um curto espaço de tempo. Para lidar com essa mudança tão brusca e sem opção de escolha, foi necessária a mobilização de diferentes habilidades e competências, tanto cognitivas, comunicativas, quanto socioemocionais. Habilidades e competências que exigiram saberes, conhecimentos e posturas docentes mais ativas, propositivas e positivas, ou seja, uma maior predisposição para aprender e atuar de forma mais interativa e colaborativa, mesmo frente às adversidades do distanciamento físico e da falta das interações presenciais. O estudo constitui-se numa reflexão teórico-prática sobre a importância da superação de desafios por meio do desenvolvimento de competências e habilidades e de posturas mais resilientes no exercício da docência. Por fim, enfatiza a importância da vontade e atitude docente, de circunstâncias e de criação espaços de aprendizagem favoráveis para a realização da “travessia para o futuro”, ou seja, para implementar as mudanças tão necessárias que o atual contexto nos impõe.

**Palavras-chave:** Competências. Docência. Espaços de Aprendizagem. Habilidades. Desafios. Travessia.

**Abstract:** The current context has imposed new demands and new challenges on us; and that also demanded new ways to exercise teaching and rethink teaching and learning strategies in a short period of time. To deal with such a sudden change and with no choice, it was necessary to mobilize different skills and competences, both cognitive, communicative, as well as socio emotional. Skills and competencies that required more active, purposeful, and positive teachers' attitudes, that is, a greater predisposition to learn and act in a more interactive and collaborative way, even in the face of the adversities of physical distance and the lack of face-to-face interactions. The study constitutes a theoretical-practical reflection on the importance of overcoming challenges through the development of skills and abilities and more resilient postures in the exercise of teaching. Finally, it emphasizes the importance of the teaching will and attitude, of circumstances and of creating favorable learning spaces for carrying out the “crossing into the future”, that is, to implement the much-needed changes that the current context imposes on us.

**Keywords:** Competencies. Teaching. Learning Spaces. Skills. Challenges. Crossing.

<sup>1</sup> Doutora em Processos e Manifestações Culturais pela FEEVALE/NH. Professora no Curso de Pedagogia e Coordenadora dos Cursos de especialização no Instituto de Educação – Ensino Superior (ISEI).E-mail: [raquel.konrath@institutoivoti.com.br](mailto:raquel.konrath@institutoivoti.com.br)

## 1 INTRODUÇÃO

### **Tempo de Travessia**

Há um tempo em que é preciso  
abandonar as roupas usadas  
Que já têm a forma do nosso corpo  
(Fernando Pessoa)

O contexto atual nos impôs uma nova forma de ensinar e aprender, ou seja, de “abandonarmos certezas para abrirmos novos caminhos e possibilidades e fazermos a travessia”, como nos sugere Fernando Pessoa. Num curto espaço de tempo tivemos que abandonar os caminhos, muitas vezes já naturalizados e seguros, para nos reinventarmos no exercício da docência. Porém esses desafios não são novos na educação, tampouco na docência. Eles são pauta de muitas reflexões e estudos anteriores, mas que nesse momento se evidenciaram, uma vez que “as roupas usadas e que já têm a forma do nosso corpo” ou já não nos servem mais, considerando a complexidade e as necessidades do contexto atual de atividades remotas ou combinadas (presenciais e online) em função da pandemia.

Na educação, já iniciamos o ano de 2020 com um grande desafio: implementar na prática o que se previa no Documento Orientador Curricular local, elaborado pelas instituições de ensino a partir da homologação da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017).

Ao passo que as instituições de ensino iniciaram a implementação de seus novos currículos formativos, fomos interpelados por uma pandemia mundial que num curto espaço de tempo exigiu que essas mudanças iniciassem na prática, antes mesmo de uma compreensão teórica em relação aos conceitos e concepções que envolvem e fundamentam as aprendizagens por meio

de habilidades e competências, estabelecidas na BNCC. Tivemos que incorporar e inserir a comunicação digital<sup>2</sup> como prática pedagógica, não como uma escolha teórico-metodológica, mas como uma forma de sobrevivência para manutenção das aulas e o vínculo com as famílias e estudantes. Isto é, avançamos anos no aspecto das tecnologias e comunicação digital em poucas semanas e meses, o que já era discutido há décadas na teoria. No entanto, a reflexão que se faz necessária, neste momento, é: o que aprendemos com essa mudança e o que mudou de fato na metodologia pedagógica? O exercício docente e a formação dos estudantes mudaram na sua concepção ou mudamos o recurso de comunicação para continuarmos centrando o ensino nos professores, com todos os estudantes necessitando se adequar a um único percurso de aprendizagem, mudando apenas para virtual ou remoto o que era presencial?

Nesse sentido, esse estudo constitui-se numa reflexão teórica sobre a necessidade de desenvolvermos e construirmos novas competências no exercício da docência a partir de novos contextos e demandas. Tem como objetivo apresentar algumas proposições para que mudanças ocorram nos processos de ensino e aprendizagem, fundamentais em cenários incertos e acelerados, cada vez mais constantes. O estudo tem como base os fundamentos legais da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e os teóricos: Cortella (2013), Cortelazzo et al. (2018) e Daros (2018).

Por fim, enfatiza-se a importância de que metodologias mais ativas e combinadas sejam implantadas na prática, não apenas para o contexto emergencial de pandemia, mas como uma necessidade para a “travessia para o futuro”, ou seja, para implementar as aprendizagens essenciais estabelecidas

---

<sup>2</sup> Uma das Competências Gerais da BNCC.

na BNCC, considerando também as necessidades transformadoras na educação.

## 2 TRAVESSIA NECESSÁRIA PARA ABRIRMOS NOVOS CAMINHOS

É o tempo da travessia  
E se não ousarmos fazê-la  
Teremos ficado para sempre  
À margem de nós mesmos  
(Fernando Pessoa)

A epígrafe nos convida a ousar e fazer a travessia, abrimos novos caminhos, apesar das incertezas que este novo caminhar nos impõe e continua nos impondo. Ter ousadia e fazer a travessia para abrimos novos caminhos na arte de educar não é algo fácil quando essa mudança, num primeiro momento, não é um desejo intrínseco, mas provocado pela circunstância do momento.

De acordo com o professor Cortella (2013), a arte de liderar que também é a de educar, uma vez que a docência também requer liderança na gestão da sala de aula, da aprendizagem e do tempo escolar, exige diferentes habilidades e competências e que, de acordo com o educador, são possíveis de serem desenvolvidas, uma vez que não são habilidades natas. Podemos até ter uma maior predisposição para algumas das competências, mas todos nós como seres aprendentes podemos desenvolvê-las, se tivermos disposição e condições, ou seja, circunstâncias para aprender. Na perspectiva teórica do professor Cortella (2013, p. 93), um líder como gestor da sua própria aprendizagem também é capaz de liderar outras pessoas a fazerem a sua “travessia rumo ao futuro”, ou seja, no caso do/a professor/a, ajudar os seus estudantes a aprenderem também.

No contexto atual de pandemia, de necessidade de isolamento físico social e de adotarmos as atividades não presenciais e as aulas remotas, as

circunstâncias não foram criadas, mas impostas e sem possibilidades de escolha ou controle sobre a situação. E isso exigiu de nós educadores uma maior disposição, ou seja, uma força intrínseca para aprender e mudar algumas práticas.

Mudar práticas, saber lidar com as incertezas e com as frustrações não são posturas e atitudes fáceis, quando não se tem experiências favoráveis e circunstâncias para assumi-las e desenvolvê-las. No entanto, no contexto educacional e atual são atitudes e posturas necessárias para não adoecer, entrar em sofrimento e ter angústias. Por isso, é preciso ter um olhar atento e uma escuta sensível frente aos sentimentos e necessidades docentes nesse momento de “travessia”. Uma escuta sensível e um olhar atento capaz de oportunizar espaços e circunstâncias favoráveis para mobilizar novas aprendizagens e possibilidades na docência, apesar dos desafios impostos.

Segundo Cortella (2013, p. 104), uma das competências necessárias para fazer a travessia é “Abrir a mente”, ou seja, “ficar atento àquilo que muda e estar sempre disposto a aprender, ou seja, ficar atento e aprender com o tempo atual”. Relacionando esta competência com o contexto atual, podemos destacar a necessidade que tivemos de aprender, num curto espaço de tempo, a compartilhar aprendizagens por meio de ferramentas digitais interativas, as quais, em grande parte, ainda não dominávamos. Não tivemos escolha ou opção, a mudança em relação à metodologia foi necessária para a continuidade do processo e fomos obrigados a nos adaptar e aprender fazendo. Ao desenvolver essa habilidade, temos uma maior disposição para transformar hábitos e lidar com as mudanças que se impõem, aceitando com maior facilidade essa mudança. No entanto, aceitar a mudança não significa gostar da situação imposta, mas acolher a

realidade para procurar estratégias de superação.

Saber lidar com a realidade imposta de forma ativa e propositiva exige a mobilização de outra competência que é “Inovar a obra” (CORTELLA, 2013), que significa a capacidade de se reinventar, de buscar novos métodos e soluções. Ser capaz de fazer de outro modo. Nem sempre isso é fácil, pois fazer algo diferente exige pensar diferente, que só é modificado com a mobilização de outras habilidades e competências. Muitas vezes acabamos simulando a mudança, ou seja, mudamos a modalidade, do presencial para o não presencial, e acabamos fazendo “mais do mesmo”. Nesta perspectiva, mudamos apenas os meios, mas não a nossa concepção e a nossa postura de vida, que é fundamental na superação de desafios. Porém, para conseguir assumir uma atitude e postura de mais protagonismo, também se fazem necessárias duas outras competências: “Recriar o espírito” e “Empreender o futuro”. Essas duas competências estão relacionadas com a forma de encarar e de se posicionar frente aos desafios para superá-los e ainda aprender com as experiências vividas. Cada uma das competências, segundo o autor, exige coragem, paciência e humildade. Coragem como a capacidade de enfrentar e lidar com o medo, para conseguir fazer de outro modo, fazer aquilo a que ainda não estava acostumado ou ainda não tinha domínio. Paciência e humildade para compreender que não sabemos tudo e que precisamos aprender sempre, sem nos conformarmos com o que já sabemos.

Nesta mesma perspectiva, podemos destacar as competências gerais da BNCC (BRASIL, 2017, p.8) definidas como a “mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas

complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho”. Isso significa que exercer a docência nesse momento é assumi-la de acordo com as demandas da nossa vida cotidiana nesse contexto atual, com pensamento criativo, colaborativo e empreendedor, mesmo perante os desafios.

Ao desenvolver essas habilidades e assumir essas posturas, nos tornamos pessoas mais resilientes, com uma maior capacidade de lidar com as situações adversas e, conseqüentemente, exercer a docência com maior autoria e ousadia, fazendo a “travessia rumo ao futuro” tão necessária e importante no atual contexto educativo. Isso também implica numa gestão de escola que assuma a corresponsabilidade na organização de espaços e circunstâncias para que a travessia aconteça e seja viável e exequível.

### **3 E AGORA, QUAL É O CAMINHO? PODEMOS RETORNAR OU TEMOS QUE AVANÇAR?**

E esquecer os nossos caminhos que nos levam sempre aos mesmos lugares.  
(Fernando Pessoa)

Abandonar certezas e iniciar uma travessia para um fazer pedagógico novo, de novos desafios e no meio de muita instabilidade emocional, exigiu e ainda requer uma atitude e postura propositiva e positiva. Assumir uma postura propositiva e positiva frente aos desafios significa ter a capacidade de transformar experiências negativas em momentos de superação e aprendizagem, isto é, sermos resilientes frente às adversidades que a vida nos impõe. A resiliência é hoje uma das muitas competências necessárias no exercício da docência, mas ainda muito difícil de ser assumida e vivenciada na prática, pois exige uma força intrínseca para aprender



e se fortalecer com as dificuldades e os desafios que se impõem.

Além da construção de novas competências, faz-se igualmente necessário a desconstrução de conhecimentos já naturalizados na nossa prática, ou seja, “esquecer os nossos caminhos que nos levam sempre aos mesmos lugares”, como destaca Fernando Pessoa. Incluir novas práticas torna-se fundamental, mas abandonar certezas para instaurar questionamentos em relação às nossas verdades faz-se igualmente necessário e é, na maioria das vezes, mais difícil e desafiador do que incorporar práticas novas.

Não podemos mais conceber que pós-pandemia ainda seja possível retornar ao mesmo processo de ensino aprendizagem que adotávamos anteriormente, até porque muito antes do contexto pandêmico a mudança já se fazia necessária, como nos aponta Henri Cortelazzo et al. (2018, p.58):

Continuar acreditando e aceitando que a sala de aula tradicional, com suas carteiras alinhadas, um estudante atrás do outro numa formação em filas, e o professor a frente de todos, conduzindo o processo em um único e constante ritmo seja ainda a melhor forma de conduzir todo o processo educacional, pode, nos dias atuais, ser considerado um pensamento insano.

Essa visão se fundamenta nas características do atual contexto, cada vez mais tecnológico, em que os estudantes estão acostumados a fazer múltiplas atividades de uma só vez. Nesta perspectiva, não podemos mais olhar para as nossas crianças e adolescentes a partir da infância e adolescência que nós vivenciamos. Somos sujeitos históricos, mudamos e provocamos mudanças a partir do contexto em que estamos inseridos. Isso significa que não existem respostas ou caminhos iguais para

contextos distintos. Mas como podemos gerar maior engajamento e uma participação mais ativa dos estudantes? E quais estratégias ou metodologias de ensino podem auxiliar os professores a tornar a aprendizagem mais significativa e contextualizada?

O que se sabe é que:

[...] não se pode olhar para trás em direção à escola ancorada no passado em que se limitava ler, escrever, contar, e receber passivamente um banho de cultura geral. A nova cidadania que é preciso formar exige, desde os primeiros anos de escolarização, outro tipo de conhecimento e uma participação mais ativa. (CARBONELL, 2002 apud DAROS, 2018, p. 4).

Em resposta a essas novas demandas, instituições de ensino de diferentes lugares no mundo começaram a repensar seus espaços de aprendizagem com intuito de potencializar o processo de ensino e aprendizagem e adequá-los às novas características dos estudantes e exigências da contemporaneidade.

Os espaços de aprendizagem ou *learning spaces* são definidos como sendo:

espaços de estudo, lazer, convívio e aprendizagem, com características inovadoras. Estes espaços devem estar disponíveis para os estudantes, professores e demais membros da comunidade. O principal objetivo dos Learning Spaces é promover o ensino, da melhor forma possível com o máximo de qualidade e efetividade do processo de ensino-aprendizagem. (CORTELAZZO et al., 2018, p. 61).

Constata-se que, na perspectiva do autor, esses espaços de aprendizagem constituem-se por diferentes componentes, diferentes das salas de aula organizadas num ensino tradicional. De acordo com o Cortelazzo et al. (2018, p. 61), o “componente tecnológico” é

essencial, que deve incorporar “uma vasta gama de tecnologias apropriadas e eficazes”.

Outro componente a ser contemplado é o “psicológico”, criando “empatia por meio do design”. Tópicos como a acessibilidade, o conforto psicológico, o espaço e seus efeitos motivadores precisam ser explorados. (CORTELAZZO et al., 2018).

Aliado aos componentes tecnológico e psicológico destaca-se o “componente social”, efetivando na prática espaços de aprendizagem colaborativa a fim de “promover a máxima interação dos integrantes, permitindo não só a troca de experiências, mas o registro e a gestão do conhecimento.” (CORTELAZZO et al., 2018, p. 62). Outro aspecto que precisa ser incorporado é o “componente cognitivo”, que “visa promover o bem-estar e a cultura. Sempre relacionando o layout, acomodações e dinâmica com os objetivos pedagógicos.” (CORTELAZZO et al., 2018, p. 62).

O autor ainda ressalta que esses espaços de aprendizagem devem ser pensados para aulas convencionais, assim como para todos os demais espaços da escola, como: espaços de convivência, laboratórios, salas de reuniões ou conferências, de lanches, rompendo com a ideia de que somente na sala de aula se aprende, ou ainda, que todos os espaços da escola se configuram como ambiente de interação e se constituem como experiências de aprendizagem. E quem sabe até poderíamos pensar em contemplar todos esses componentes em nossas aulas e ambientes virtuais, abrindo tempo e espaços maiores para a convivência social e psicológica, além dos componentes da tecnologia e cognição.

Quando concebemos os espaços de aprendizagem considerando todos esses componentes, rompemos a ideia de que aula consiste num monólogo diante

de uma plateia passiva, ou diante de uma tela com as câmeras fechadas. Isto é, diferente do que numa sala de aula tradicional, em que o professor fala, demonstra e os estudantes ficam sentados ouvindo e observando a aula sendo dada, nesses espaços de aprendizagem, que incorporam esses diferentes componentes, o protagonismo entre estudantes e os professores é compartilhado, de forma mais colaborativa e ativa, com tempo para a expressão de emoções, sentimentos, frustrações e para potencializar o pensamento criativo e imaginativo. Ou seja, os espaços de aprendizagem se constituem em ambientes em que os estudantes têm oportunidades adequadas de pensar de forma crítica, usando os argumentos que estão sendo desenvolvidos. (DAROS, 2018).

Todos esses conhecimentos, habilidades e atitudes são aprendizagens essenciais que devem ser contemplados e desenvolvidos ao longo da Educação Básica e que traduzem os objetivos de aprendizagem da atual BNCC. Mais uma vez, reforça-se a ideia de mudança, não em função de uma pandemia, mas de uma necessidade contextual contemporânea.

Ao apostar nesses espaços de aprendizagem, evidentemente, faz-se igualmente necessário assumir uma prática pedagógica capaz de garantir aprendizagens desta forma. Isso significa que: “As instituições de ensino precisam organizar, em seus currículos e cursos, atividades integradoras da prática com a teoria, do compreender com o vivenciar, o fazer e o refletir, de forma sistêmica em todas as áreas e durante todo o processo.” (DAROS, 2018, p. 10).

Para a autora, esse compromisso se estende às instituições, e não só aos professores, e se reflete na prática desenvolvida junto aos estudantes. Ao ressaltar a importância de “atividades integradoras da prática com a teoria”, não

as reduz a uma lista de atividades ou desafios práticos criados pelos professores ou os que constam nos livros didáticos após o estudo de uma Unidade Didática ou Temática, mas as concebe como práticas pedagógicas capazes de “garantir aos alunos uma aprendizagem sólida, que lhes permita enfrentar criticamente as mudanças da atual sociedade da informação e do conhecimento” (DAROS, 2018, p. 10), seja nas aulas presenciais e nas atividades remotas.

Nessa perspectiva, a autora também comunga com a concepção de aprendizagem estabelecida na BNCC (BRASIL, 2017, p. 8), como a “mobilização de conhecimentos para resolver demandas complexas da vida cotidiana”. Ao estabelecer como essenciais esses conhecimentos, a BNCC reconhece que a “educação deve afirmar valores e estimular ações que contribuam para a transformação da sociedade, tornando-a mais humana, socialmente justa.” (BRASIL, 2017, p.8). Nessa perspectiva, as atividades pedagógicas de ensino, de fato integradoras da prática com a teoria, devem estar pautadas em problemas complexos do cotidiano dos estudantes, na realidade do contexto em que vivemos, pandemia ou pós-pandemia, e não em práticas escolares artificializadas sobre conteúdos, sem relação com os componentes sociais e psicológicos que a sociedade atual se encontra imersa.

Diante do exposto, acredita-se que não seja mais possível voltar ao normal na educação pós-pandemia. Precisamos criar estratégias e espaços de aprendizagem que contemplem metodologias mais ativas, combinadas, entre o presencial e o remoto ou virtual, capazes de proporcionar aos estudantes condições de:

Transitar de maneira autônoma por essa realidade, sem se deixar enganar por ela, tornando-os também capazes de enfrentar e resolver problemas e conflitos do campo profissional e produzir um futuro no qual, a partir da igualdade, de fato e de direito, cresçam e se projetem as diversidades conforme as demandas do século XXI. (DAROS, 2018, p. 12).

Todavia, essas mudanças nas práticas pedagógicas junto aos estudantes só serão possíveis, se começarmos por nós, ou seja, no desenvolvimento de competências na formação docente, que também precisam romper todos os aspectos acima apontados, compartilhando o protagonismo com os nossos estudantes. Visando ao protagonismo compartilhado, ressalta-se um aspecto importante, destacado por Junqueira Filho (2013, p.54):

Professores e alunos são uma dupla forte, um par dinâmico que pode muito na vida de cada um deles, na vida da escola, na vida da família, na vida do planeta e de tudo o que está em volta deles. Mas, para isso, têm que estar atentos a si e um ao outro; têm que aprender a ler o seu próprio jeito – em constante produção – e o jeito do outro – também em produção contínua. E quanto mais perto chegam um do outro, mais conhecem sobre si, sobre o outro, sobre conhecer, sobre conviver, sobre parceria, sobre o mundo.

Junqueira Filho (2013) acredita na possibilidade do protagonismo compartilhado a partir da “leitura de nós mesmos e dos outros”, que implica novas posturas, atitudes e um engajamento que vai além de uma aprendizagem escolar para um relacionamento que resulta em aprendizagem de vida para ambos, reforçando a ideia inicial do estudo: novas competências no processo de aprendizagem implicam novas competências na docência.

E, pós-pandemia, o que muda? Muda? Infelizmente, não existe uma resposta universal para contextos tão distintos quanto os que existem no processo educativo. Mas, com certeza, essa resposta pode e deve ser uma motivação e reflexão para cada um/a de nós, educadores/as, comprometidos/as com a educação e a transformação social.

Como eu me leio frente aos desafios e as mudanças necessárias? Como eu leio o/os outro/os?

O que mudou na minha prática, de forma prática, além do presencial para o remoto?

O que mudou nessa Travessia para o futuro?

Eis os meus, os seus e os nossos desafios!

#### 4 CONSIDERAÇÕES: CAMINHOS POSSÍVEIS...

Romper paradigmas na educação e abandonar práticas e posturas comuns no exercício da docência não é algo simples ou fácil, requer a capacidade de se questionar, reinventar e aprender com as experiências vividas, sejam positivas ou negativas. Essa capacidade implica a mobilização de várias habilidades e na mudança de atitudes que precisam de condições e circunstâncias para serem desenvolvidas.

Fazer a travessia na educação, nesta perspectiva, significa ter a disposição e a capacidade de assumir de forma positiva e propositiva os desafios que o atual contexto nos impõe e que as atuais circunstâncias educacionais nos permitem e também exigem.

Faz-se necessário (re)organizarmos as escolas, criando espaços de aprendizagem que contemplem diferentes componentes, como: o tecnológico, o social, o psicológico e o cognitivo, rompendo a ideia de que aprendizagem se constrói

entre quatro paredes com estudantes enfileirados um atrás do outro, ouvindo, enquanto professores falam. É possível aprender em diferentes espaços e situações.

Educação se dá em contexto e o contexto atual exige mudanças, assim como aprendizagens se constroem na relação com o outro e com o mundo, numa constante formação pessoal e social, tanto na forma presencial quanto na remota. Para isso, uma importante leitura de nós mesmos, assim como do contexto, é imprescindível!

#### REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC): Educação é a Base**. Brasília, DF MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

CORTELAZZO, Angelo Luiz *et al.* **Metodologias ativas e personalizadas de aprendizagem**: para refinar seu cardápio metodológico. Rio de Janeiro: Alta Books, 2018.

CORTELLA, Mário Sérgio. **Qual é a tua obra?**: inquietações propositivas sobre a gestão, liderança e ética. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

DAROS, Thuinie. Por que inovar na educação? *In*: CAMARO, Fausto; DAROS, Thuinie (org.). **A sala de aula inovadora**: estratégias pedagógicas para fomentar o aprendizado ativo. Porto Alegre: Penso, 2018.

JUNQUEIRA FILHO, Gabriel. **Linguagens geradoras**: seleção e articulação de conteúdos em Educação Infantil. Porto Alegre: Editora Mediação, 2013.

Recebido em: 09/11/2020  
Aceito em: 15/11/2020